

(Novembro-dezembro 1961)

## Jesus crucificado e abandonado

Sendo o Cristianismo um mistério de amor e de dor, da mesma maneira os elementos realmente vitais do nosso Movimento nos parecem ser o amor e a dor.

Mas, como no Cristianismo o amor supera a dor e a vida vence a morte, o mesmo se verifica na Obra de Maria.

\* \* \*

Quando estávamos no início desta nova vida, pensávamos em qual podia ser a coisa mais linda do mundo: seriam as estrelas, as flores, as crianças, a inteligência genial, o pôr-do-sol... Parecia-nos poder concluir que é o amor – o amor materno, fraterno, nupcial, que Deus colocou no coração humano.

O próprio Jesus elevou o amor fraterno ao plano sobrenatural, compondo com os cristãos uma fraternidade; o amor materno parecia ainda mais belo, porque purificado pela dor, portanto, mais duradouro e sagrado para o coração humano; o amor nupcial parecia superar os demais, pois era tão forte que tornava duas criaturas capazes de abandonar os outros afetos naturais para formar uma nova família...

\* \* \*

Esplêndido, portanto, o amor. "Mas – nos perguntávamos – o que será então Deus que o criou? E poderíamos nós, que por Ele tínhamos deixado tudo, experimentar já nesta vida, algo daquele amor que é Deus?".

\* \* \*

Um dia, um sacerdote, que nos falava das dores de Cristo, disse que talvez o momento no qual Jesus mais sofreu foi quando, no Calvário, gritou: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?".

Comentando depois em casa o que tínhamos ouvido e impelidas pelo grande desejo de usar bem a única vida que possuíamos, decidimos escolher "Jesus abandonado" – assim o chamamos naquela dor – como o nosso modelo.

E desde aquele momento, ele, o seu semblante, o seu grito misterioso pareceram dar sentido a cada instante doloroso da nossa existência.

\* \* \*

Também nós, como todos, experimentávamos momentos amargos na alma, que podiam chamar-se escuridão, aridez, sensação de fracasso, solidão, peso da nossa humanidade e dos nossos pecados.

Porventura Jesus, na hora nona, não fora imerso numa treva tão densa que superava infinitamente toda a nossa escuridão?

E não foi tão forte a sua aridez que pareceu privá-lo misteriosamente da dulcíssima presença do Pai?

Nunca, como naquele instante, Jesus, o vitorioso, pareceu um fracassado. Ele – Filho de Deus – reunia todos os filhos ao Pai, pagando por eles a solidão mais negra. Ele, o inocente, carregou nos ombros todos os nossos pecados, atraindo sobre si, como um pára-raio divino, toda a justiça de Deus.

Víamos nas nossas pequenas dores um reflexo dele. Se antes arrastávamos estes momentos – esperando que mudassem –, agora, recolhendo-nos no profundo da alma, os oferecíamos a Jesus, felizes

de poder acrescentar a nossa pequena gota ao mar de sua imensa dor. E continuávamos a nossa vida nos momentos seguintes, projetadas na sua vontade, como, por exemplo, no amor ao próximo que encontrávamos.

As trevas, a sensação de fracasso, a aridez desapareciam. E começava-se a entender como é dinamicamente divina a vida cristã, que não conhece tédio, cruz, dor, senão de passagem, e nos faz saborear a plenitude da vida, isto é, a ressurreição, a luz, a esperança, mesmo entre as tribulações.

Jesus abandonado era, portanto, para todas, a chave que restabelecia continuamente a união com Deus.

\* \* \*

Na unidade estabelecida entre nós com a "mútua e contínua caridade", Ele foi também o meio com que se resolviam as pequenas falhas .

"Onde existe a caridade e o amor aí está Deus"; mas onde não existe a caridade e o amor aí não está Deus. E a Sua doce presença que dava sentido a esta nova vida, a luz que envolvia igualmente as mínimas ações feitas por amor a Ele e explicava o presente ao mesmo tempo que iluminava o futuro, aquela alegria plena que vem da unidade realizada entre irmãos, esvaneciam-se, às vezes, pelo orgulho ou soberba de uma ou outra, por um apego qualquer às próprias ideias ou coisas, ou por uma falta de caridade.

As nossas almas, então, encontravam-se turbadas, tateavam na escuridão, e pareciam-nos inúteis os progressos já feitos. Era como se o sol desaparecesse da nossa luminosa unidade.

Então, somente a lembrança dele, no seu negro abandono, nas trevas em que foi envolvida a sua alma, nos dava a esperança de que nem tudo estava perdido; ou melhor, que tudo isto, sendo uma dor, poderia ser agradável a Deus, se fosse oferecido com amor... E assim fazíamos, recolocando-nos em seguida, decididamente na unidade entre nós, pedindo perdão, tomando a iniciativa, mesmo quando fosse o irmão que tivesse alguma coisa contra nós: o Evangelho nos admoestava que nem sequer a oferta levada ao altar, num clima onde não reinasse a mútua caridade, seria agradável a Deus.

E o sol, isto é, a presença de Jesus entre aqueles que estão unidos no seu nome, voltava à pequena comunidade.

\* \* \*

Através do amor a Jesus abandonado, a luz e a paz resplandeciam não somente nas nossas almas, mas em todas aqueles que, sós, desorientadas, órfãs, desiludidas, fracassadas, desanimadas, desesperadas, sem apoio, em situações absurdas, lembravam de algum modo aquele que tínhamos escolhido.

Estas pessoas eram preferidas pelos membros do Movimento, que se esforçavam por compartilhar a tristeza contida nos corações delas; e, no momento oportuno, falava-se dele abandonado, do seu infinito amor, da predileção que teve por aquelas pessoas mencionadas nas bem-aventuranças, do privilégio que tinham de poder compartilhar com ele a cruz, para o bem próprio e da humanidade. Além disso, explicava-se a necessidade de oferecer-lhe a dor pessoal, na qual devia se entrever tão somente a sua face. Não dissera Terezinha do Menino de Jesus, quando se apercebeu da doença que a levaria à morte: "Eis o Esposo"?

Portanto, aprendíamos aos poucos que a dor é sempre algo de sagrado. Não devíamos somente suportá-la, mas abraçá-la.

Assim a solidão era preenchida por Deus e pela presença de muitos outros irmãos que já aderiram ao Movimento. As pessoas, em Cristo abandonado, encontravam orientação para a própria vida. Os órfãos descobriam entre aqueles que se esforçavam por fazer a vontade de Deus, além de irmãos e irmãs,

pais e mães. Os desiludidos, cansados, fracassados, resolviam todos os seus problemas, pois os porquês de quem quer que fosse encontravam respostas no seu grande porquê.

Jesus descera até nós, fazendo-se homem, mas sobre a cruz tinha-se aniquilado e, no abandono, parecia-nos reduzido a nada. Divino plano inclinado, dava a possibilidade de acesso a qualquer homem que se encontrasse no mundo, em qualquer condição moral e espiritual, conquanto que a ele se orientasse, transformando em amor toda dor que o oprimia, seguindo-o.

Desta maneira, muitos, pouco a pouco, mesmo através do nosso Movimento, entenderam ou experimentaram as palavras de Jesus: "Os sãos não precisam de médico, mas os enfermos...".

E nós, primeiras focolarinas, para sermos verdadeiras cristãs, repetíamos cada dia ao acordar: "Porque estás abandonado", como se disséssemos: "O porquê da minha vida és Tu, Senhor crucificado, sob qualquer forma que vieres. Não rejeitarei o teu encontro. Pelo contrário, será o melhor momento para mim, porque na dor, oferecendo a dor, temos a certeza de amar a Deus com amor puro".

\* \* \*

Este é o nosso Ideal: Jesus crucificado e abandonado em nós e fora de nós, no mundo inteiro, a ser aliviado e confortado.

A nossa pequena experiência nos diz que não existe vida cristã a não ser naqueles que se consagram à cruz, pois a nossa experiência não é senão uma das diversas maneiras de atuar as palavras de Jesus: "Quem quiser vir após mim...tome a sua cruz e siga-me".

Mas, se pudermos dizer alguma coisa para confortar quem inicia esta aventura divina, devemos afirmar que, no nosso pequeno âmbito, também nós, como os nossos irmãos maiores – os santos – pudemos experimentar que abraçar a cruz não significa encontrar somente a dor. Não! Ela nos leva ao amor, àquele Amor que é a vida do próprio Deus dentro de nós.

*Cf. C. LUBICH, Escritos Espirituais/3, Todos "Um", Cidade Nova - São Paulo, 1984, pág. 45.*